

Culturas, Identidades e Narrativas, de Ana Maria Haddad Baptista e Manuel Tavares (Org.).
São Paulo: Big Time, 2014.

Antonio Germano

Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho.
Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista e
Pedagogia pela Universidade Nove de Julho.

Atualmente é professor efetivo da rede Municipal e Estadual de ensino básico.
cafeatoa@hotmail.com

O livro *Culturas, Identidades e Narrativas* é uma reunião de cinco textos que pretendem uma reflexão a respeito de aspectos ligados à identidade, cultura e memória, num tempo em que debater estas questões torna-se imprescindível não só para a Academia, mas, sobretudo, para a sociedade em geral, tendo em consideração as problemáticas da diversidade cultural, do encontro entre culturas que a globalização possibilita e os respectivos choques e conflitos culturais. O respeito pela diversidade e a aceitação das diferenças culturais constituem o pressuposto ético fundamental numa sociedade democrática que se pretende cada vez mais inclusiva e participativa.

O texto de Ana Maria Haddad Baptista, *Tempo-Memória, Identidade e Narrativas*, procura questionar as diversas formas de apreensão do tempo-memória, e, sucintamente, a autora faz um percurso pela história e desvela o quanto a categoria tempo-memória foi percebida de forma diferente, através primeiramente do pensamento de Klein. “O tempo é consubstancial ao mundo: nada pode acontecer ou permanecer fora dele” (p. 21).

Vários pontos são importantes ressaltar no texto de Ana Maria Haddad, mas nos ateremos principalmente no que se refere a sua análise de tempo-memória em duas obras ficcionais, *Vidas Secas* e *Angústia*, do autor alagoano Graciliano Ramos.

“Vidas Secas é uma obra narrativa, uma espécie de romance, montado em fragmentos” (p. 36). É o tempo social que reflete na condição de vida das personagens, vida Severina, sem grandes acontecimentos, tudo na mesmice, não tem operatividade. “Vivem o tempo de um tédio, sem precedentes, que os imobiliza” (p. 39).

O romance *Angústia* é uma intensa mistura de tempos – presente, passado e futuro – que se cruzam e se entrecruzam. “Em *Angústia* há uma

verdadeira profusão de possibilidades de tempo-memória dentro da perspectiva ficcional” (p. 45). Ambos os textos nos remetem à questão do tempo, também em *Morte e Vida Severina*, um belíssimo poema de João Cabral de Melo Neto, cujo tempo é o da morte, da vida Severina, desgraçada.

No início do texto de Catarina Justus Fischer, *Culturas e memórias: paralelos entre a linguagem e a música*, surge uma indagação de por que a autora começa sua análise com um salmo.

O texto é uma reflexão e análise sobre uma das dimensões fundamentais das culturas humanas e do imaginário popular: a música. “A música sempre está presente de uma maneira ou outra na história do desenvolvimento da humanidade” (p. 59).

A autora didaticamente faz um percurso histórico sobre a presença da música nos diversos períodos históricos e nas diversas civilizações, e afirma que o tempo está ligado à memória. “A tendência do homem quando se volta ao passado, é a de interpretar os acontecimentos de acordo com o seu conhecimento e com a cultura de seu tempo” (p. 53).

Partindo de algumas referências teóricas que concentram os seus estudos na análise das relações entre linguagem e música, a autora estabelece os aspectos em comum e as diferenças existentes entre a música e a linguagem. Na sua perspectiva, ambas são universais, comuns a todas as culturas humanas.

Manuel Tavares faz uma reflexão sobre a *História, memória e esquecimento: identidades silenciadas*, ao longo do processo histórico de colonização dos povos. Os teóricos utilizados para enriquecer suas ideias vão de Mignolo a Quijano, passando por Canclini e Dussel. Este último propõe uma ética cotidiana da libertação. “A problemática da libertação exige a reconciliação dos povos consigo próprios pelo reconhecimento do seu lugar na história e na sua construção” (p. 77).

Coerentemente, o autor, ao desenvolver seu raciocínio sobre libertação, pensamentos libertos, reconstrução e construção de identidade, utiliza o discurso de Foucault, quando diz que “a liberdade é uma prática de revolta contra todas as formas de domínio, incluindo aquelas que fazem parte do próprio sujeito” (p. 77).

O autor também faz uma reflexão sobre o conceito de racionalidade ocidental que se impôs historicamente por intermédio do conhecimento científico e que acabou por gerar resistências, fazendo emergir novas racio-

nalidades, a que chama racionalidades resistentes. Fazendo uma reflexão sobre a memória, tece algumas considerações sobre as comemorações que ocultam o lado obscuro da história, ou seja, a opressão. Há, por isso, um dever de memória que é, não só uma questão de natureza ética, de respeito pelas vítimas da opressão, mas também uma questão de natureza política.

A este propósito afirma: “É verdade que a opressão não pode ser comemorada, mas não pode ser esquecida” (p. 78).

O texto de Manuel Tavares é um registro essencial para os leitores interessados em compreender melhor o processo de colonização e opressão ditado ao longo dos séculos. Partindo da análise conceitual de intelectuais como Foucault, ele relata a imposição do pensamento eurocêntrico padrão que se apropriou da cultura, da memória e da própria arte concreta dos povos excluídos pelos sistemas coloniais e imperiais.

Quando o autor conceitua cultura, propõe um raciocínio perspicaz de que a cultura é algo que se faz, se constrói por mediações múltiplas, por encontros e desencontros, surgindo daí a identidade. “Identidade é, pois, um movimento, um percurso entre o ser e o não ser, uma potência que se gera e um vir a ser permanente” (p. 83).

É certo que poderíamos destrinchar todo o texto do autor e dele discutir muitos assuntos que são de grande valia para o meio acadêmico, porém terminamos nossa análise com um fragmento visceral: “Uma educação para a paz, contra todas as formas de violência, que discuta e exercite os valores da solidariedade, tolerância, justiça, liberdade” (p. 110).

O texto seguinte, de Maurício Silva, *Imagens da cidade: memória, narrativa e imaginário na literatura brasileira pré-modernista*, é uma reflexão sobre o imaginário urbano construído pela literatura brasileira pré-modernista. “Na passagem do século XIX para o XX, as grandes cidades brasileiras sofrem uma série de transformações, em função de modificações estruturais (industrialização, modernização, concentração urbana)” (p. 117).

O texto desenvolve-se em torno das categorias de campo e cidade, o que também nos remete à obra *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, onde ele faz uma comparação entre a vida módica e agitada de Paris e a vida tranquila e pacata na cidade serrana de Tormes. O tema sobre essas categorias também é recorrente em obras de autores pré-modernistas,

tais como Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Coelho Neto, Benjamim Costallat.

O último texto de Márcia Fusaro, *Rizoma Fáustico*, traz o mito do Fausto em diálogo com algumas singularidades narrativas e culturais. “O cinema e a literatura dialogam de maneira indissociável para que a autora materialize a maioria de suas reflexões” (p. 8). Para isso, dentre tantos outros pontos destacados pela autora, ela recorre ao conceito filosófico de rizoma, elaborado por Deleuze e Guattari: “conduzimos essas reflexões sobre o Fausto, entendendo-o preliminarmente como uma obra rizomática no sentido sinalizado por ambos pensadores” (p. 133).

A autora diz que a literatura e o cinema, mantidas as proporções, também são portadores de uma verdade cultural manifestada em suas particularidades narrativas de tempo-memória, que se volta do presente ao passado e vice-versa. Por fim, faz uma análise de *Fausto*, por meio de alguns agenciamentos memorialísticos, culturais e narrativos. Traz uma informação importante sobre a primeira versão do mito do Fausto, publicada em 1587.

A autora prossegue seu texto trazendo vários Faustos, múltiplos, estrangeiros, alemães, russos e também brasileiros. Segundo ela, há um Fausto claustrofóbico, melancólico, atormentado, romântico. Todos inventados e reinventados.

Os textos todos reunidos propuseram uma discussão pertinente sobre a relação entre Culturas, Identidades e Narrativas. Eles congregaram informações enriquecedoras – sobretudo no que diz respeito à arte –, analisaram profundamente a história da música, da literatura, do cinema e da memória. Os autores abordaram também reflexivamente as culturas e as diferentes identidades.

